



EM DESENHOS E PROSAS, HISTÓRIAS SE DESCORTINAM: UMA APRESENTAÇÃO A VIVACIDADE DE JÚLIA MEDEIROS

Wilton D’Lúcio¹

O ano era 2022. Fazia uma pesquisa de campo para composição da minha dissertação de mestrado, quando conheci uma artista ímpar: Júlia Medeiros. Tímida, desconfiada e astuta, ela me observava com desconforto em nosso primeiro encontro oficial e presencial. Depois de um tempo, admitira para mim que não gostava de entrevistas, por isso se sentia acuada comigo naquele 27 de agosto de 2022. Mas o tempo passa, a amizade se constitui e conheço mais a fundo a artista que seria uma das minhas principais referências no teatro, na escrita e no desenho.

Nesta breve coletânea estão expostos três de seus trabalhos, carregados com seu traço próprio, imaginação e vivacidade. Cada desenho é acompanhado de uma breve crônica, nascida após os desenhos assumirem forma no papel. Dada as proposições de Elias (1995, p. 13), que afirma ser necessário conhecer os anseios primordiais de um indivíduo para melhor conhecê-lo, visto que a “[...] vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida em que elas conseguem realizar tais aspirações”, busquei conhecer um pouco mais a fundo o modo como os desenhos/crônicas aqui publicados foram desenvolvidos pela autora.

Em uma breve entrevista via *Whatsapp*, Júlia afirma que seu processo criativo é pautado na composição de um diário, onde registra como nascem suas artes. Durante seu processo formativo, a autora/desenhista confidenciou ouvir músicas que a inspiraram. Para o primeiro desenho *Karina, estou de volta*, a música *Cadê o amor* de Chico César foi a tonante; já em *Os furtos de Raimunda Dona de Prata*, a voz de José Ribeiro em *A beleza de Rosa* é que embala sua feitura. Por fim, *O sonho de Seu Pedro – Um sonho Louco que eu tive* nasce embalado sob toques distintos de pandeiro.

¹ Bacharel em Turismo (UERN). Mestrando em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH – UERN). Membro editorial do periódico *Versos, Anversos e Antiversos* (ISSN: 2675-4975). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1826-0893>. E-mail: guiawilton.silva@gmail.com.



Ao ser questionada sobre o que viria primeiro em seu processo criativo, se o desenho ou a história, Júlia afirma depender. Em *O sonho de Seu Pedro*, um sonho lhe contemplara com a inspiração necessária, sendo o desenho sua representação. Enquanto nas outras duas obras, o desenho nascera antes das crônicas, ganhando forma em traços para, só depois, tomarem forma por meio dos parágrafos. Em suas palavras:

Vejo o que o papel me dá e conto uma história a partir do que ele me deu. Deixo a tinta ir e ela vai. No final ela acaba falando mais do que qualquer história que eu possa inventar. A ideia é essa: é ver e criar. Assim como eu posso fazer e qualquer pessoa que vê [o desenho também pode]. Tipo: “O que você enxerga, quando vê isso?” e a pessoa poder criar uma narrativa em cima daquilo. Quando eu mostro esse [*Karina, estou de volta*], muita gente vê uma menina fugindo de um lugar pegando fogo. Já minha mãe, vê uma princesa mendiga (MEDEIROS, 2022).

O social então se metamorfoseia nos traços inquietos da desenhista. Em comunhão com as “N” possibilidades que seus leitores/observadores não encontram em suas obras, Júlia entrega produções que dialogam não somente com o fantástico e o lúdico, mas também com o que faz parte do humano/social: a solidão do urbano, a avareza, a intriga, o choro e a composição do poeta, que relembra os cangaceiros caídos. Como Adorno (2003, p. 66) irá exaltar: “[...] A referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela. É isso o que se deve esperar, e até a mais simples reflexão caminha nesse sentido”.

Essa é a potência da arte de Júlia Medeiros: uma miríade de possibilidades, que se encontram nos seus traços mais distintos e próprios. Suas histórias são criadas, postas e recriadas diante o olhar atento dos que, em seus desenhos, se perdem em possibilidades. Como ela propõe, as crônicas que acompanham os desenhos não são o seu significado intrínseco, mas o que ela acha ser a tonante do desenho, sendo que “[...] as vezes nem é. É a verdade de cada. Algo assim” (MEDEIROS, 2022). Alude-se que:



[...] a lírica se mostra mais profundamente assegurada, em termos sociais, ali onde não fala conforme o gosto da sociedade, ali onde não comunica nada, mas sim onde o sujeito, alcançando a expressão feliz, chega a uma sintonia com a própria linguagem, seguindo o caminho que ela mesma gostaria de seguir (ADORNO, 2003, p. 74).

Dada essa breve apresentação, almeja-se que você leitor possa apreciar os desenhos aqui publicados e as crônicas que os acompanham, enxergando significados próprios. Aqui deixo meu agradecimento a Júlia, por sua dedicação, empenho e fazer artístico. Que suas obras possam nos fazer sonhar com um mundo tão lúdico e próprio quanto sua arte.

Referência

ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas cidades; Editora 34, 2003.

ELIAS, Nobert. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 1995.

MEDEIROS, Júlia. **[Processo criativo dos desenhos/crônicas]**. Whatsapp: [conversa privada]. 26 dez. 2022. 11:36. 20 mensagens de Whatsapp.



KARINA, ESTOU DE VOLTA

Júlia Medeiros²



Autoria: Júlia Medeiros (2022).

"Voltei e estava tudo estranho. As ruas vazias, o céu sem cor, as casas mortas, coisas de hospitais ao redor do bueiro, animais escondidos embaixo de caixas de papelão, lojas fechadas sem música, sem crianças. Apenas uma gangue de urubus atacando o cadáver de uma lagartixa. Tudo mudou. Não sei se já era assim e eu nunca notei, ou minha falta fez diferença aqui. Estava perto da escola dela quando gritei "Karina, voltei!", e nada de som. Estranhei, afinal, é uma escola.

Hoje é feriado? - Me perguntei. - Não, é dia 20 de Agosto de 2021..."

² Desenhista, cronista, escritora e atriz na companhia A Máscara de Teatro. Instagram: @quer.q.eu.desenhe e @julia.medeiros.o.



OS FURTOS DE RAIMUNDA DONA DE PRATA



Autoria: Júlia Medeiros (2022).

"Dona Raimunda morava em uma casa pequena, velha, assim como ela mesma. A casa tinha um teto com telhas quebradas, uma porta empestada de cupins, uma pintura descascada em tons de ovo e apenas duas janelas. A mulher apesar de velha e aparentemente pobre, escondia toda a sua riqueza embaixo da cama de palha: prata, muita prata! Cordões de prata, anéis de prata, coroas de prata, todos os modelos de joias possíveis. Dona Raimunda era uma pessoa extremamente sovina, egoísta, pão duro. Não tinha coragem de trocar suas preciosas pratas por pedaços de pão, portanto vivia das baratas que pousavam no seu quintal. Uma mulher que tinha tudo, mas ao mesmo tempo, não tinha nada. A frente da sua casa havia um varal de roupas que se estendia até a casa do vizinho, um velho padeiro rabugento que cuidava de 18 gatos de todas as cores. Nunca se deram bem. Se gritavam toda vez que se viam, afinal, a distância de ambas as casas proporcionava tal ruído. O vizinho era daqueles que adorava fazer inveja, mostrava seus gatos, seus deliciosos pães, bolos, doces. O cheiro das guloseimas parecia dançar e cantar uma ópera em



volta de sua casa e da casa de dona Raimunda. Era torturante para a mulher ver toda aquela fartura e não poder consumi-las quentes, pois a noite, ela saberia que não as encontraria na mesma temperatura. Todos os dias, às 22h, ela se pendurava no varal e ia até a casa do homem para roubar as migalhas de pão que ficavam ao redor da casa para alimentar seus gatinhos. E todas as noites os gatos lhe recebiam com carinhos e canções. Mas nesta noite de lua roxa, eles cantavam algo diferente: 'Miau, miau, miau, pegue, Dona de Prata, pegue mais um pão. Pois somos gatinhos e não comemos veneno não'.

E a vista escureceu".



O SONHO DE SEU PEDRO - UM SONHO LOUCO QUE EU TIVE



Autoria: Júlia Medeiros (2022).

Eu estava em uma casa antiga, sentada em uma cadeira de balanço assistindo um programa de tv em uma televisão de caixa. Estava passando um filme, algo sobre a dor de um passarinho, um beija-flor. O beija-flor estava lamentando a morte de um cangaceiro, Jararaca. E ele cantava e chorava, dançava e levantava. *O beija-flor cheira a flor, mas Jararaca já morreu. O beija-flor cheira a Flor, mas o Sabino já morreu -* Cantava. Outros passarinhos começavam a cantar juntos:

O beija-flor cheira a flor, mas Jararaca já morreu. O beija-flor cheira a Flor, mas o Sabino já morreu.

Apareceu um homem, se apresentando como Seu Pedro com um passarinho no lugar do olho. Batia um pandeiro e cantava:

O beija-flor cheira a flor, mas Jararaca já morreu. O beija-flor cheira a Flor, mas o Sabino já morreu.